

# A ATENUAÇÃO DO TU ENUNCIATIVO NAS FORMULAÇÕES METADISCURSIVAS DO DOCUMENTADOR EM ENTREVISTAS SEMIDIRIGIDAS

**LARA OLEQUES DE ALMEIDA\***

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Centro de Comunicação e Letras (CCL), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 10 mar. 2018. Aprovado em: 21 maio 2018.


Como citar este artigo: ALMEIDA, L. O. A atenuação do tu enunciativo nas formulações metadiscursivas do documentador em entrevistas semidirigidas. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, p. 37-54, 2018. doi:10.5935/cadernosletras.v18n2p37-54

## Resumo

O objetivo deste estudo é, sob a perspectiva da Linguística Interacional e da Teoria da Enunciação, descrever e analisar as estratégias discursivas de atenuação por ocultação do tu enunciativo presentes em entrevistas semidirigidas quando o falante (documentador) formula perguntas metadiscursivas ao seu interlocutor (entrevistado). Para a análise, exploramos inquéritos do Projeto Nurc/BR em abordagem eminentemente qualitativa, sem abandonar a quantitativa quando esta auxilia a interpretação dos dados. Resultados parciais indicam

---

\* E-mail: lara.oleques@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8312-9402>

que o recurso da oclusão do tu se manifesta nas perguntas metadiscursivas em diferentes frequências de ocorrência e graus de atenuação.

## Palavras-chave

Atenuação. Metadiscursividade. Entrevistas semidirigidas.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho parte da noção mais geral de metadiscursividade em interações faladas para, então, estudar fenômenos linguísticos que a ela se associam, como a atenuação pela oclusão do tu enunciativo. Observamos, desde já, que os resultados aqui apresentados derivam de uma análise preliminar do *corpus* e que a pesquisa se encontra em fase inicial.

As entrevistas que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, conforme detalharemos mais adiante, integram o Projeto Nurc/BR (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil), cujo objetivo principal era fazer com que o entrevistado falasse livre e abundantemente, para possibilitar o registro das diferenças lexicais da variante culta de cada capital regional<sup>1</sup>. A partir da proposta de temas cotidianos, o entrevistado era estimulado a todo instante a nomear uma realidade específica – concreta ou abstrata – por meio da interpelação direta do entrevistador (documentador) e, para tal, uma das estratégias discursivas utilizadas era a pergunta metadiscursiva. Por exemplo: DOC – eh: como se chamam:: as pessoas que:: freQUENtam programas de rádio? (Nurc/RJ, DID, Inquérito 17, g.n.).

Na pergunta acima, percebemos que o documentador se dirige ao informante por meio de uma forma impessoal e, assim, vale-se de uma estratégia de atenuação linguística. De outra parte, estão presentes no *corpus* perguntas metadiscursivas que evidenciam o papel do enunciatário (tu) do discurso oral pelo uso de uma forma de tratamento<sup>2</sup> e, portanto, a atenuação pelo recurso

1 O Projeto Nurc/BR desenvolveu-se nos anos 1970 e 1980 nas cinco capitais brasileiras mais densamente povoadas à época (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre). Ainda hoje, constitui o maior acervo de língua falada do Brasil.

2 No contexto deste trabalho, são consideradas formas de tratamento todas as palavras utilizadas pelo falante para designar o interlocutor ou a ele dirigir-se na comunicação oral, ou seja, todas as palavras que referenciem a pessoa do discurso com quem se fala.

da ocultação do tu se faz ausente: DOC – [...] qual é/qual é o adjetivo que você Usa... a expressão que você usa pra dizer que:: você gostou do filme? (Nurc/RJ, DID, Inquérito 17, g.n.).

Conforme destaca Silva (2011, p. 273-274), inúmeros estudos foram realizados a partir dos materiais do Projeto Nurc/BR, porém raros são os trabalhos que tratam das ações do documentador, já que o foco da maioria recai sobre a participação dos entrevistados.

Partindo dos estudos da língua falada em interação sob a perspectiva da Linguística Interacional e da Teoria da Enunciação, em diálogo com os Estudos de Atenuação Linguística, o presente trabalho contribui para preencher essa lacuna e tem como objetivo geral descrever e analisar as estratégias discursivas de atenuação por ocultação do tu enunciativo manifestadas em perguntas metadiscursivas do documentador em entrevistas do Projeto Nurc/BR.

## A METADISCURSIVIDADE

Entendemos por metadiscursividade a propriedade que todas as línguas têm no sentido de se autorreferenciar utilizando como código a própria língua, concebida como realidade discursiva e interacional:

[...] o dito é constantemente atravessável por um metadiscurso mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência. Esta possibilidade de associar, a todo instante, na sequência do discurso, os enunciados e seus comentários remete evidentemente à propriedade que as línguas naturais possuem de se descrever sem passar por um outro sistema semiótico (MAINGUENEAU, 1997, p. 93).

Esse processo de autorreferenciação remete à característica da autorreflexividade inerente às línguas: mecanismos do funcionamento linguístico-discursivo que permitem a reflexão sobre estruturas da própria língua. Frisamos que as remissões às estruturas da língua devem ser consideradas sob a perspectiva de seu funcionamento em situações interacionais, e não sob a perspectiva unicamente sistêmica.

Na língua falada, a metadiscursividade adquire traços peculiares, eis que a autorreflexividade é fenômeno recorrente nas interações, que deixam à mostra toda a construção e negociação dos sentidos de forma *on-line*, ou seja,

falante e ouvinte estão na presença um do outro quando o ato de enunciação ocorre e as marcas dessa construção ficam evidenciadas na superfície linguística do texto oral:

[...] o estudo do processo da metadiscursividade, apreendido como um recurso importante de estruturação textual, [é] ativado freqüentemente na organização do texto falado. A apreensão desse recurso [...] contempla a descrição de um movimento de auto-reflexividade, pelo qual o 'fazer' discursivo é referenciado no próprio discurso (RISSO; JUBRAN, 1998, p. 227).

Por força da interação, falante e destinatário são levados a verificar, no decorrer da conversação, se a comunicação entabulada está sendo eficiente para ambos; não se trata de mera explicação do código em si, mas de verdadeira necessidade comunicacional e argumentativa nascida do processo interacional. Aí reside a natureza estratégica dos procedimentos de ordem metadiscursiva no contexto do discurso oral.

Assim, vemos que o discurso construído nas perguntas elaboradas pelo entrevistador e dirigidas ao entrevistado é frequentemente referenciado dentro do próprio discurso, do que se infere que os diálogos em estudo são ambiente interacional propício à formulação de perguntas metadiscursivas. Contudo, esta não é uma estratégia exclusiva, pois constatamos que há entrevistas inteiras sem a presença de perguntas metadiscursivas, nas quais o documentador elege a solicitação de uma descrição ou narrativa como estratégia de interpelação do entrevistado.

Nessa abordagem direta, seja na formulação de perguntas metadiscursivas ou na solicitação de narrativas e descrições, o documentador opta por se dirigir ao entrevistado mediante o uso de recurso atenuador ou não: exibindo ou ocultando o tu da enunciação.

## A ATENUAÇÃO LINGUÍSTICA

A noção mais geral de atenuação e a mais adotada pelos linguistas que se dedicam ao estudo desse fenômeno diz respeito à mitigação da força ilocucionária dos atos de fala (ALBELDA; CESTERO, 2011, p. 13). A partir dessa noção, apresentamos um conceito mais completo de atenuação, que adotamos no presente trabalho:

[...] a atenuação é uma atividade argumentativa (retórica) estratégica de minimização da força ilocutiva e do papel dos participantes na enunciação para conseguir alcançar com sucesso o objetivo previsto, e que é utilizada em contextos situacionais de menos imediatez ou que exigem ou se deseja que apresentem menos imediatez comunicativa. Assim, algumas vezes, haverá atenuação de falante e, portanto, a estratégia terá um caráter mais monologal; outras, atenuação de falante e ouvinte e, portanto, terá um caráter mais dialogal e, frequentemente, cortês (BRIZ; ALBELDA, 2013, p. 292).

Desse conceito inferimos que a atenuação é uma estratégia argumentativa de que se vale o falante para obter o acordo, minimizar o desacordo na interação ou ser aceito pelo outro. Via de regra, todos os movimentos dos falantes de qualquer língua vão no sentido de obter esses objetivos conversacionais que são exatamente a aceitação mútua (GOFFMAN, 1967, p. 11) ou o acordo (BRIZ, 2012, p. 38) entre os interactantes e, nesse caminho, encontramos a razão de ser das estratégias atenuadoras em funcionamento no discurso oral.

A regra nas interações humanas é o acordo, e não o desacordo; a harmonia nas interações sociais se dão por meio de estratégias linguísticas, como a atenuação. Para tanto, os recursos atenuantes operam no sentido de minimizar a força ilocutiva dos enunciados e do papel dos sujeitos da enunciação, ou seja, diminuir o impacto que pode exercer o eu que fala com relação ao tu que interpreta, que recebe aquelas palavras mais ou menos suavizadas, como ocorre com o recurso atenuador objeto de nosso estudo: a ocultação do tu enunciativo.

A atenuação é uma estratégia utilizada em contextos situacionais de menor imediatez comunicativa (KOCH; OESTERREICHER, 2013; MARCUSCHI, 2007), o que significa que o falante, inserido em um contexto de maior distanciamento, vale-se de uma estratégia linguística para se aproximar do outro, uma das razões motivadoras da atenuação. Ao mesmo tempo que se aproxima socialmente de seu interlocutor, utiliza elementos linguísticos de distanciamento da mensagem, no sentido de que, em vez de dizer algo mais direto, objetivo ou taxativo, prefere afastar-se do conteúdo semântico de seu enunciado, tomando distância de suas palavras, para evitar ferir o seu interlocutor ou, ao menos, tentar não se distanciar tanto dele, pelo que “linguisticamente, atenuação significa distância; socialmente, atenuação significa aproximação” (BRIZ; ALBELDA, 2013, p. 292-293).

Os movimentos atenuadores dos falantes ocorrem em virtude da preocupação interacional que todo falante de uma língua tem com relação à sua imagem social e a de seu interlocutor (ou mesmo de terceiros) quando se coloca

em contato com este. A essa atividade interacional Goffman (1967, p. 12) denominou trabalho de face ou atividade de imagem (*face work*). Sempre que houver o encontro real de uma pessoa com outra, considera-se como atividade de imagem aquela que envolve as ações realizadas por uma pessoa para que o seu comportamento esteja em consonância com a sua imagem social; essas ações são aquelas voltadas para salvaguardar, proteger e reparar a imagem (GOFFMAN, 1967, p. 12-15, 23).

Com base nessas concepções, Briz (2012, p. 44-46) e Briz e Albelda (2013, p. 303-305) definiram as três grandes funções ou estratégias gerais de atenuação: a autoproteção – com atividade de autoimagem, manifestada em unidades mais monológicas; a prevenção e a reparação – ambas com trabalho de imagem voltado para falante e interlocutor, manifestado em unidades mais dialogais e frequentemente com valor cortês. Existem diferentes direcionamentos das imagens, conforme estas se voltem predominantemente para o eu ou para o eu/tu. Nas perguntas metadiscursivas em análise, podemos notar um trabalho de imagem que envolve ambos os participantes da enunciação, portanto podemos afirmar que o recurso da ocultação do tu evoca atividades de cortesia, tópico a ser explorado em fases posteriores desta pesquisa.

O desenvolvimento das três funções da atenuação (autoproteção, prevenção e reparação) é realizado por meio do que os autores chamam de táticas (subestratégias ou recursos linguísticos) de atenuação. Nesse sentido, os linguistas propõem dois grandes recursos atenuadores: a generalização e a impessoalização.

O primeiro grande recurso de atenuação é a relativização ou indeterminação do dito (BRIZ, 2012, p. 45-46), utilizado quando se minimiza a força argumentativa em relação à verdade ou à certeza do dito, ao grau de conhecimento ou ao compromisso do falante. Os autores referem que tudo é fingimento, porque a expressão de dúvida, possibilidade ou incerteza são apenas recursos discursivos que visam a retirar a responsabilidade do falante sobre o dito, ao revelar um trabalho de imagem de prevenção ou de reparação. “São escudos autoprotetores e, quando não também, aloprotetores” (BRIZ; ALBELDA, 2013, p. 304).

Os autores apontam uma grande variedade de tipologias dentro do recurso de indeterminação do dito, a modo de exemplificação (ALBELDA et al., 2014, p. 24-38), dentre os quais destacamos apenas alguns: modificadores morfológicos internos (sufixos diminutivos); modificadores externos que constituem quantificadores minimizadores, aproximativos ou difusores de significado (por

exemplo, *um pouco, assim, algo assim, aproximadamente, por assim dizer*); expressões mais suaves quanto ao conteúdo semântico (lítótes e eufemismos); partículas discursivas modais de objetivação (por exemplo, *obviamente, é claro que, na verdade*); partículas discursivas e expressões de controle de contato (por exemplo, *né?, não?, sabe?, o.k.?*).

O segundo grande recurso de atenuação é a ocultação do eu/tu ou de terceiros, também denominado indeterminação, impessoalização, despersonalização ou desagentivação, termos considerados sinônimos (BRIZ, 2012, p. 44-45). Com essa tática, o eu que fala evita que recaia sobre si o peso da responsabilidade sobre o que diz ou faz, por meio de uma ocultação das pessoas da enunciação: “te/me oculto ou protejo, te/me disfarço ou defendo” (BRIZ; ALBELDA, 2013, p. 303). Esse recurso é o carro-chefe em nosso estudo, porquanto manifesta a ocultação do tu, que provoca um distanciamento atenuador em razão da impessoalização dos atores da enunciação: o tu é afetado pela pergunta metadiscursiva realizada pelo eu, por isso a necessidade de atenuação. A função atenuadora predominante da ocultação do tu é a proteção da imagem do interlocutor (entrevistado) pelo documentador (entrevistador) para buscar o acordo ou evitar o desacordo. Dito de outro modo, com a ativação do recurso da impessoalização do tu enunciativo, o documentador busca a harmonia ou o equilíbrio na interação, gerando um efeito de atenuação, já que o tu é o verdadeiro objeto da enunciação, ainda que velado, disfarçado ou escondido.

Albelda et al. (2014, p. 32-33) elencam uma série de expedientes utilizados pelos falantes para impessoalizar com uma finalidade atenuadora, tais como: apelar para a opinião da maioria ou para um interlocutor geral com o uso de pronomes (por exemplo, *se, a gente, tu* impessoal, *nós* inclusivo); apelar para a opinião da maioria por meio de formas verbais impessoais e partículas discursivas que impessoalizam a origem dêitica do enunciado (por exemplo, *pelo que dizem, ao que parece*).

Nas perguntas metadiscursivas sob análise, as estratégias atenuadoras utilizadas deixam revelar na superfície discursiva que existe uma clara preocupação do documentador em proteger a imagem do entrevistado. Tal não significa que quando a interpelação é direta, mediante o uso das formas de tratamento, não exista essa preocupação, mas sim que, na percepção do falante documentador, não há necessidade de ocultar o tu enunciativo naquele momento em razão da imediatez construída discursivamente. Recorde-se que,

mesmo na presença das formas de tratamento (interpelação direta), existe um grau de atenuação por cortesia manifestado pelo uso das diferentes formas.

## O GÊNERO ENTREVISTA SEMIDIRIGIDA

As entrevistas semidirigidas – que caracterizam o gênero discursivo que compõe o Projeto Nurc/BR – apresentam registro intermediário ou semiformal e podem oscilar quanto ao grau de formalidade em uma mesma interação. Essas características assim se resumem:

- a) traços primários
  - finalidade transacional;
  - tom semiformal;
  - planejamento prévio, acordado entre os interlocutores.
- b) traços situacionais ou coloquializadores
  - relação de +/- igualdade social entre os interlocutores; relação de desigualdade funcional;
  - relação vivencial: desconhecimento mútuo;
  - espaço físico de interação não familiar, não cotidiano;
  - temática não especializada (ALBELDA, 2004, p. 112).

Esses traços definem o contexto situacional geral (ALBELDA et al., 2014, p. 11; BRIZ; ALBELDA, 2013, p. 299) em que as interações se desenvolveram e importam na análise dos fenômenos de atenuação, porquanto indicam que não se trata de conversações cotidianas estabelecidas de forma natural, o que deriva da própria situação das entrevistas do Projeto Nurc/BR, em que entrevistador e entrevistado sabem que estão sendo gravados.

Os diferentes graus de formalidade dos diálogos integrantes das entrevistas em análise se manifestam por meio de vários elementos linguísticos, em especial, pelas formas de tratamento diversas que o mesmo falante (documentador, neste caso e de forma mais frequente) pode utilizar numa mesma entrevista. Disso se infere que as formas de tratamento em uso indicam maior ou menor proximidade entre os interlocutores, ou seja, existe uma relação de maior proximidade/informalidade ou distanciamento/formalidade conforme o falante utilize *você*, *o senhor/a senhora* ou *a gente*, que são as principais formas presentes nas entrevistas analisadas.



Faz-se necessário um breve esclarecimento acerca do sentido do termo proximidade tal qual utilizamos neste trabalho. Trata-se de um efeito construído discursivamente, portanto não utilizamos o termo no sentido de relação vivencial (BRIZ, 2010) de proximidade, já que as entrevistas semidirigidas caracterizam-se pelo desconhecimento mútuo entre os interlocutores. A noção que queremos destacar diz respeito mais ao conceito de *relação de* igualdade social (BRIZ, 2010), construída e percebida na materialidade do discurso, embora exista uma relação de desigualdade funcional (ALBELDA, 2004), já que os papéis de entrevistador e entrevistado são previamente estabelecidos.

A simples presença de uma forma de tratamento na pergunta metadiscursiva indica a exibição do tu enunciativo, que revela uma aproximação direta – sem a necessidade de mecanismos atenuadores do impacto da pergunta – do entrevistador ao seu entrevistado, seja em registro mais formal ou mais coloquial. A exibição do tu enunciativo mediante a presença de uma forma de tratamento explícita na pergunta gera o efeito de maior proximidade do entrevistado, pois, nesse caso, o entrevistador não precisa se valer de nenhum expediente de atenuação para facilitar essa aproximação.

## UMA BREVE DESCRIÇÃO DO CORPUS E A METODOLOGIA

Para a análise dos fenômenos em estudo, exploramos diálogos integrantes de inquéritos do Projeto Nurc/BR, mais especificamente, inquéritos do Projeto Nurc/RJ (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta da cidade do Rio de Janeiro), de onde selecionamos as perguntas metadiscursivas que compõem o *corpus* definitivo da pesquisa. Para o desenvolvimento do presente estudo, selecionamos os 158 inquéritos do tipo DID (Diálogo entre um falante e um documentador) disponíveis *on-line* (<[www.letras.ufrj/nurc-rj](http://www.letras.ufrj/nurc-rj)>), já que, por se apresentarem em maior número, neles pudemos obter uma amostra mais representativa, com maior variedade de estruturas para posterior descrição e análise.

De forma sucinta, as etapas que envolvem a presente pesquisa são: 1ª etapa, que consiste no levantamento prévio de perguntas metadiscursivas nos 158 inquéritos DID, o que concluímos neste momento; 2ª etapa, na qual faremos a definição do *corpus*; 3ª etapa, na qual faremos uma seleção de tipos de perguntas para análise, a fim de estabelecermos uma tipologia das perguntas metadiscursivas presentes no *corpus*.

## ANÁLISE PRELIMINAR DO CORPUS

Nesta seção, trazemos exemplos de perguntas metadiscursivas<sup>3</sup> estruturalmente diferentes, que ilustram algumas tipologias que se manifestaram nesta etapa do trabalho. Da exploração inicial do *corpus*, dividimos as perguntas metaenunciativas em dois grandes grupos: perguntas formuladas com a presença explícita de formas de tratamento e com a ausência dessas formas. Importa esclarecer que é comum a alternância pelos falantes do uso das formas de tratamento dentro de uma mesma entrevista, ou seja, as formas poderão estar presentes em muitas perguntas do documentador (metadiscursivas ou não) e ausentes em outras tantas; poderão aparecer em segmento imediatamente anterior ou posterior à pergunta metadiscursiva. Neste trabalho, no entanto, interessa-nos averiguar a pergunta metadiscursiva enquanto unidade ou segmento com forte unidade estrutural, para a observação de seus efeitos atenuadores pela ausência ou presença explícita do tu enunciativo representado pelas formas de tratamento.

A seguir, trazemos alguns exemplos de perguntas metadiscursivas sem a presença de formas de tratamento na formulação e alguns comentários analíticos.

Exemplo 1: DOC – eh: **como se chamam::** as pessoas que:: freQUENtam programas de rádio? (Nurc/RJ, DID, Inquérito 17, g.n.).

Nessa pergunta, o documentador utiliza o verbo *dicendi* chamar, que apresentou a maior frequência de uso no *corpus*, acompanhado ou não do pronome “se”, conforme veremos em outro exemplo. Trata-se de uma forma apassivadora (“chamar-se”), que possui forte poder de atenuação, uma vez que gera o efeito de esconder o tu a quem está realmente dirigida a pergunta. Com esse recurso, o documentador foge da apelação direta ao entrevistado (“como *você*lo *senhor* chama?”), preferindo solicitar a sua maneira de nomear as pessoas que frequentam programas de rádio por meio da evocação de uma voz geral, impessoal.

Exemplo 2: DOC – ah... quando um filme não agrada **como é chamado?** (Nurc/RJ, DID, Inquérito 45, g.n.).

3 Os excertos em destaque nesta análise preliminar seguem as normas de transcrição do Projeto Nurc/SP (PRETI, 2008), consagradas desde os primórdios do Projeto Nurc/BR como as mais criteriosas e indicadas. As perguntas encontram-se separadas do corpo do texto por uma questão didática.

Esse tipo de formulação se assemelha ao anterior porque também se vale de uma estrutura apassivadora para interpelar o entrevistado. Decidimos incluí-la nessa amostra inicial para registrar que também a estrutura composta com o particípio do verbo chamar é bastante presente no *corpus*. Os efeitos são os mesmos da pergunta anterior.

Exemplo 3: DOC – como chama quando o mar está MUITÍssimo forte? (Nurc/RJ, DID, Inquérito 121, g.n.).

Essa estruturação da pergunta com o verbo “chamar” também segue a mesma linha das duas perguntas anteriores. Quisemos registrá-la para chamar a atenção para um uso de alta frequência no *corpus* e que é muito típico da linguagem oral brasileira: a omissão do pronome “se” compondo uma forma apassivadora com o verbo chamar. Há uma forte tendência no português do Brasil no sentido da omissão desse pronome com formas verbais apassivadoras ou reflexivas. Observe-se que as formas presentes nas duas perguntas anteriores (“se chamam”/“é chamado”) não são típicas da língua falada, pois poderiam ser usadas na língua escrita sem, por isso, constituírem marcas de oralidade.

Exemplo 4: DOC – como é que são denominados os animais que mamam? (Nurc/RJ, DID, Inquérito 120, g.n.).

Selecionamos essa formulação por dois motivos: para ilustrar nessa amostra a estrutura “como é que”, de alta frequência no *corpus* e típica da língua portuguesa falada no Brasil, e para registrar a ocorrência do verbo *dicendi* denominar, que carrega certo grau de escrituralidade (distanciamento), mas também se faz presente na oralidade. Registramos apenas uma ocorrência com esse verbo. Nesse caso, manifesta-se novamente uma estrutura apassivadora com forte poder de atenuação pela ocultação do tu enunciativo.

Exemplo 5: DOC – Como é o nome dessa pessoa que faz (os) sons? (Nurc/RJ, DID, Inquérito 100, g.n.).

Trazemos essa formulação sem a composição com verbos *dicendi* (que constituem a regra de preferência dos falantes documentadores, conforme atestam os exemplos sob análise) para mostrar que também existem formulações que privilegiam estruturas compostas por nomes para atingir o objetivo

de extrair do entrevistado a maneira como ele nomeia determinada realidade. Consideramos essa formulação como não prototípica ou não preferencial porque apresentou baixa frequência de ocorrência no *corpus*, já que a maioria das perguntas elaboradas pelos documentadores se estruturam com formas de três verbos *dicendi* – chamar, dizer, denominar –, nessa ordem de frequência.

Nas formulações metadiscursivas compostas sem a utilização de formas de tratamento percebemos alto grau de atenuação, eis que o documentador retira de si o peso exclusivo das palavras que dirige ao entrevistado, ou seja, não se compromete com o peso do que diz ao evocar uma voz indeterminada e generalizante, evitando interpelá-lo diretamente e ativando, assim, a função atenuadora da prevenção protetiva da imagem do interlocutor.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de perguntas metadiscursivas com a presença de formas de tratamento na formulação seguidos de alguns comentários analíticos.

**Exemplo 6: DOC – [...] qual é/qual é o adjetivo que você Usa... a expressão que você usa pra dizer que:: você gostou do filme? (Nurc/RJ, DID, Inquérito 17, g.n.).**

Por ora, classificamos essa pergunta como não prototípica quanto à centralidade assumida pelos verbos nesse tipo de estrutura, já que não é formulada com um verbo *dicendi*, e sim com um nome (“qual é o adjetivo/a expressão”), mas talvez pudéssemos conceber uma categoria mista ou híbrida, considerando que o verbo dizer se faz presente, embora não no eixo principal da composição. Queremos destacar a presença da forma de tratamento *você*, amplamente utilizada no português do Brasil para interações nas quais existe ou constrói-se uma relação de igualdade social. O uso dessa forma é bastante complexo e mereceria um aprofundamento, inclusive quanto aos aspectos de atenuação com cortesia, o que faremos em fases posteriores da pesquisa. Podemos afirmar, no entanto, que as características pessoais dos falantes – que integram o contexto situacional geral – interferem na escolha da forma de tratamento pelo documentador, sendo este um professor do sexo masculino (não temos acesso às idades dos documentadores, mas sabemos que são todos professores universitários – UFRJ – ou seus alunos) e a interlocutora é uma professora de geografia de 26 anos. Como trabalhamos apenas com as marcas deixadas pelo usuário da língua na materialidade do discurso, podemos concluir que o uso da forma *você* revela uma abordagem direta em um contexto interacional de maior imediatez (proximidade), que não exige a ativação do recurso da ocultação do tu enunciativo.

Exemplo 7: DOC – voltando: pra: apaRÊncia... como é que o senhor chama::  
quando a mulher é muito gorda ( ) ou homem muito gordo... (Nurc/RJ, DID,  
Inquérito 09, g.n.).

Trata-se de composição prototípica com o uso do verbo *dicendi* chamar, que é preferencial pela frequência majoritária no *corpus*. Percebemos, também, a presença da estrutura “como é que”, típica da fala, conforme já referimos. Seleccionamos essa pergunta porque ilustra o uso da forma de tratamento *o senhor*, frequente no *corpus*, ao lado da forma *você*. Diferentemente desta, o uso de *o senhor* indica um grau de formalidade maior, ou seja, menor imediatez, contexto que favorece o uso da atenuação. Neste caso, está ausente um mecanismo de atenuação pela ocultação do tu, mas existe um grau de atenuação em razão do uso da forma de tratamento respeitosa, que pode ser classificada como atenuação cortês. Com o uso do tratamento *o senhor*, o documentador se movimenta no sentido da preservação da face do interlocutor e as características pessoais dos interactantes (contexto situacional geral) podem interferir nesse uso: são dois documentadores, uma professora e um professor da UFRJ (não temos acesso às idades) e o entrevistado é um professor de educação física de 40 anos. Pelas marcas discursivas deixadas no enunciado, podemos concluir que o uso da forma *o senhor* revela uma abordagem direta em um contexto interacional de menor imediatez (distanciamento), que, em tese, poderia ativar o recurso da ocultação do tu enunciativo, mas isso não ocorre; a menor imediatez favoreceu a ativação da atenuação com cortesia, que merecerá análise mais aprofundada.

Exemplo 8: DOC – general vou voltAR ainda ao assunto de:: trens [...] eu gostaria que o senho:r dissEsse o NOme de: todos os tipos de:: MÁQuinas que usam pra mover o trem (Nurc/RJ, DID, Inquérito 112, g.n.).

Esse tipo de pergunta apresenta dois aspectos a serem considerados na delimitação de uma tipologia das perguntas metadiscursivas do *corpus*, que empreenderemos na última etapa da pesquisa: a presença de um vocativo de função (“general”) – o entrevistado é um general do Exército de 62 anos e as entrevistadoras são duas estudantes – e a formulação de uma pergunta de forma indireta (“eu gostaria que”). Por ora, houve apenas uma ocorrência de vocativo, mas esse excerto adquiriu relevância na análise por sua complexidade ilustrativa. Antes de mais nada, frisamos que o vocativo faz parte da pergunta metadiscursiva porque o fragmento que o segue (“vou voltar ainda ao assunto de trens”)

é uma inserção parentética típica da fala, que cortou o fluxo da pergunta iniciada pelo vocativo e seguida da formulação indireta. A forma de tratamento “general” se destaca pela reverência que carrega, ainda mais dirigida por duas jovens estudantes, cujas escolhas linguísticas e pragmáticas ao longo da interação deixam marcas evidentes do extremo cuidado para não ferir a imagem do entrevistado, do que é exemplo a pergunta em questão. Nesse contexto interacional, compreende-se melhor a presença de inúmeras formulações indiretas (não necessariamente metadiscursivas) com o Futuro do Pretérito, que é o chamado futuro de cortesia. O uso desse tempo na pergunta metadiscursiva indireta iniciada por um vocativo que valoriza respeitosamente a profissão do entrevistado, aliado ao uso da forma de tratamento *o senhor*, configuram uma expressão de atenuação cortês, a ser analisada posteriormente. De outra parte, o vocativo e a forma de tratamento constituem abordagens diretas que afastam a ativação do recurso atenuador de ocultação do tu nesse contexto interacional. Classificamos essa pergunta também na categoria de não prototípica ou preferencial em razão da menor frequência de uso de perguntas indiretas no *corpus*.

Exemplo 9: DOC – ehm::... além de Atos existem ocoRRÊNCias dentro do:: da peça... que às vezes isso chama mais a atenção da gente a gente gosta mais... **como é que a gente chama** cada um? (Nurc/RJ, DID, Inquérito 17, g.n.).

Essa formulação apresenta estruturas já analisadas em tipos anteriores, como a forma recorrente “como é que” e o verbo *dicendi* chamar, preferencial no uso dos falantes. Trazemos esse exemplo de pergunta metaenunciativa em função da forma de tratamento *a gente*, gramaticalizada e amplamente utilizada no português brasileiro, e que transita pelos mais diferentes gêneros discursivos sempre que traços de oralidade com efeitos de proximidade se manifestam discursivamente. A forma *a gente* equivale ao nós inclusivo, mas a expressão se reveste de um tom coloquial pelo contexto interacional de maior imediatez gerado, diminuindo o impacto da pergunta no interlocutor por compartilhar o direcionamento da pergunta entre o eu e o tu (“como nós chamamos?”). A expressão *a gente* é um clássico caso de embreagem actancial<sup>4</sup>

4 Em consonância com a Teoria da Enunciação, o termo “formas embreadas” deriva da noção de embreagem, que se opõe à de debreagem, ambas mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado. A debreagem é a operação de projetar no enunciado as categorias da enunciação, ao passo que a embreagem é o procedimento de neutralização das categorias da enunciação, por exemplo, quando se emprega uma pessoa com valor de outra (um nome – 3ª pessoa – no lugar do *você* – 2ª pessoa do discurso: *O professor (você) está se sentindo bem?*). A embreagem de pessoa também é chamada de actancial (FIORIN, 2016; HILGERT, 2007).

utilizada tanto na língua falada quanto na escrita, porquanto esse mecanismo enunciativo promove a substituição das categorias da enunciação, neste caso, categorias de pessoa – o tu da enunciação (2ª pessoa do discurso) por uma forma de 3ª pessoa –, ou seja, é comum na língua portuguesa brasileira o uso da 3ª pessoa, representada pela forma *a gente*, no lugar do tu (por exemplo, você). A forma de tratamento *a gente* gera um efeito de proximidade, intimidade, diluição da responsabilidade pelo dito, acolhimento do interlocutor, sendo um exemplo de grau médio de atenuação pelo recurso da ocultação do tu justamente por exibi-lo parcialmente, já que engloba também o eu enunciativo. A pergunta é prototípica e as características pessoais dos interactantes dão conta de que o documentador é um professor universitário e a entrevistada é uma professora de geografia de 26 anos. As marcas deixadas na materialidade do enunciado revelam uma abordagem direta compartilhada, em um contexto interacional de maior imediatez (proximidade), que ativa o recurso da ocultação do tu enunciativo de forma parcial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discorrermos acerca da manifestação do recurso atenuador da ocultação do tu enunciativo em perguntas metadiscursivas realizadas pelos documentadores do Projeto Nurc/BR (acervo da cidade do Rio de Janeiro), podemos chegar à seguinte síntese conclusiva dos resultados obtidos nesta fase inicial da pesquisa:

1. Há variações importantes nas estruturas de composição das perguntas metadiscursivas.
2. O grande recurso atenuador manifestado nas perguntas metadiscursivas é o da ocultação do tu enunciativo, que se apresenta em graus: quanto maior o poder de ocultar o tu, maior será o grau de atenuação.
3. O uso das formas de tratamento *senhor/senhora*, *você* e do vocativo indica grau zero de atenuação no que tange ao recurso da ocultação do tu, já que a imediatez construída no ambiente interacional autoriza o documentador a interpelar diretamente o entrevistado, a despeito dos diferentes níveis de formalidade que se possam vislumbrar.
4. O uso da forma de tratamento *a gente* indica um grau médio de atenuação em razão da exibição compartilhada do tu e do eu enunciativos.

5. O uso da forma impessoal *se* e as formas apassivadoras indicam elevado grau de atenuação, assim como as formulações não prototípicas, pois conseguem o efeito atenuador de ocultar o tu enunciativo de forma mais eficaz.
6. O trabalho de imagem presente nas estratégias de atenuação ativadas nas perguntas metadiscursivas analisadas envolve ambos os participantes da enunciação (eu/tu), portanto evoca atividades de atenuação com cortesia, aspecto a ser explorado em etapas posteriores desta pesquisa.

Por fim, devemos dizer que as estratégias atenuadoras estudadas neste trabalho são mecanismos discursivos de que se vale o falante para proteger a própria imagem e, ao mesmo tempo, a imagem do interlocutor. Nesse jogo interacional, ganha quem souber articular melhor as estratégias, a fim de construir efeitos de sentido que sirvam para equilibrar com eficácia as interações linguístico-sociais.

## The mitigation of the enunciative *you* in the documenter metadiscursive questions in semidirected interviews

### Abstract

The aim of this study is to describe and analyze, under perspective of Interactional Linguistics and Theory of Enunciation, the discursive strategies of mitigation by concealment of the enunciative *you* present in semidirected interviews when the speaker (documenter) formulates metadiscursive questions to his interlocutor (respondent). For the analysis, we investigated the Nurc/BR Project in an eminently qualitative approach, without abandoning the quantitative approach when it helps the interpretation of the data. Partial results indicate that the feature of *you* concealment manifests itself in the metadiscursive questions at different occurrence frequencies and degrees of mitigation.

### Keywords

Mitigation. Metadiscursivity. Semidirected interviews.



## REFERÊNCIAS

- ALBELDA, M. Cortesía en diferentes situaciones comunicativas, la conversación coloquial y la entrevista sociológica semiformal. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (Ed.). *Pragmática sociocultural*. Estudios sobre cortesía en español. Barcelona: Ariel, 2004. p. 109-134.
- ALBELDA, M.; CESTERO, A. M. De nuevo, sobre los procedimientos de atenuación. *Español actual: revista de español vivo*, Madri, n. 96, p. 9-40, 2011.
- ALBELDA, M. et al. Ficha metodológica para el análisis pragmático de la atenuación en corpus discursivos del español. (ES.POR.ATENUACIÓN). *Oralia*, Madri, n. 17, p. 7-62, 2014.
- BRIZ, A. La (no) atenuación y la (des)cortesía, lo lingüístico y lo social: ¿son pareja?. In: ESCAMILLA MORALES, J.; HENRY VEGA, G. (Ed.). *Miradas multidisciplinares a los fenómenos de cortesía y descortesía en el mundo hispánico*. Barranquilla/Estocolmo: Universidad de Estocolmo/Universidad del Atlántico/Cadis/Programa Edice, 2012. p. 33-75.
- BRIZ, A. El registro como centro de la variedad situacional. Esbozo de la propuesta del grupo Val.Es.Co. sobre las variedades diafásicas. In: FONTE ZARABOZO, I.; RODRÍGUEZ ALFANO, L. (Coord.). *Perspectivas dialógicas en estudios del lenguaje*. México: Universidad Autónoma de Nuevo León, 2010. p. 21-56.
- BRIZ, A.; ALBELDA, M. Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN). *Onomázein*, Santiago, n. 28, p. 289-319, 2013.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016.
- GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on the face-to-face behaviour*. Nova Iorque: Pantheon, 1967.
- HILGERT, J. G. Língua falada e enunciação. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 69-76, maio/ago. 2007.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. *Linha D'água*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 153-174, 2013.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PRETI, D. (Org.). *Cortesía verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008.

RISSE, M. S.; JUBRAN, C. C. A. S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. *Delta/Educ*, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 227-242, 1998.

SILVA, L. A. Cortesia e atenuação nos atos diretivos dos documentadores do Projeto Nurc/BR. In: PRETI, D. (Org.). *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011. p. 273-297.